

1

FORD

— **É** incrível, meu. A *Forbes* nomeou-te o Multimilionário mais *Sexy* do Mundo. — O meu melhor amigo, Weston Belmont, anuncia o título com um floreado extra para gozar comigo. Fá-lo soar como se eu fosse uma *stripper* prestes a subir ao palco.

Ignoro-o e concentro-me em esvaziar a caixa de produtos de limpeza aos meus pés.

— Ford. — Sacode a revista lustrosa na minha direção. — Isto é de loucos.

Viro os olhos para o West e lanço-lhe a expressão mais neutra que consigo invocar. Está refastelado na cadeira de costas altas, com as botas apoiadas na minha secretária. Cai-lhe terra seca das solas, deixando este sítio ainda mais sujo do que já está.

— É de loucos, pois. — De mãos apoiadas nas ancas, viro-me para examinar o velho estábulo que será a sede da minha nova produtora e do estúdio de gravação. Chamo-lhe estábulo, mas é mais um anexo vazio e poeirento. Buracos cor de ferrugem no chão levam-me a crer que em tempos conteve baias. Agora, é basicamente um grande e sujo espaço aberto com uma pequena cozinha junto à porta da frente, separada por um longo e estreito corredor.

Seja como for, fica a curta distância da casa principal, numa enorme faixa de terreno inclinada mesmo no limiar de Rose Hill.

E quando se abrem as portas do velho estábulo, a vista é simplesmente espetacular.

O lago confronta com a linha inferior da propriedade, os pinheiros que emolduram ambos os lados a fazerem-na parecer um oásis privado. Os limites da pequena localidade montanhosa ficam a uns meros cinco minutos de distância, ao fundo da estrada. Para lá dela, tudo são montanhas escarpadas que se estendem por quilómetros e quilómetros de imaculado território selvagem canadiano.

É um sítio lindo. Mas tudo na propriedade está degradado. Tem muito potencial, ainda assim. Vejo-o com toda a clareza. Residências para os artistas. Móveis antigos. *Wi-Fi* duvidoso. Nada de *paparazzi*.

Rose Hill Records. Batizada em honra da terra que aprendi a amar.

Produzi um álbum de sucesso, e agora tenho o bichinho. Quero voltar a fazê-lo e, felizmente, há um afluxo de artistas que querem também a sua oportunidade. Sinto-me empolgado com a ideia de ser criativo todos os dias. De ouvir música todos os dias. De todos os dias fazer com que canções ganhem vida.

Especialmente *aqui*.

Rose Hill é o sítio perfeito para criar um lar e abrir o negócio que sempre quis.

Um refúgio pessoal onde não tenho de usar um fato sufocante, de prestar contas a acionistas que só se interessam pelos resultados ou de ser perseguido pela imprensa por ser o «Multimilionário mais *Sexy* do Mundo», como se isso fosse algum feito importante.

— Diz aqui que te recusaste a fazer comentários.

Se nomeassem o West o Multimilionário mais *Sexy* do Mundo, ele ia espremer isso ao máximo.

Eu? Nego-me a tecer comentários e parto para uma pequena localidade onde posso iniciar um empreendimento novinho em folha sozinho. Odeio a atenção mediática.

— Na verdade, dei-lhes um comentário antes de dizer que me recusava oficialmente a comentar.

O West resmunga.

— Oh, isto deve ser bom.

A minha face contrai-se. Ele sabe. É a pessoa que melhor me conhece.

— Disse-lhes que sou multimilionário por pouco e que acontece só ser mais atraente do que as outras duas mil e quinhentas individualidades da lista. Querem escrever um artigo sobre o aspeto menos interessante da minha vida. Portanto, sem comentários, porque este feito não merece nenhum. O gajo rico e convencionalmente bonito diz «não, obrigado».

— É estranho que não tenham publicado essa tua tirada encantadora, Ford. É um verdadeiro mistério.

Encolho os ombros e ignoro a farpa. Falar sobre dinheiro deixa-me desconfortável. Cresci rodeado de dinheiro e passei um tempo horrível junto de pessoas que fizeram a minha infância parecer pobre. Nunca achei que fosse um aspeto particularmente impressionante em ninguém que conheci. Pelo contrário, na verdade. Quando temos muito dinheiro, as pessoas agem de forma diferente e, se nos deixarmos ficar demasiado obcecados pelo dinheiro, podemos tornar-nos verdadeiros cretinos.

Porque haveria alguém de querer ler um artigo sobre quão rico um homem é?

Também nunca me distingui na ribalta. A atenção torna-me irritadiço e sarcástico e, segundo me disseram, *grosseiro* ou *desligado das normas sociais*. Ainda que não saiba se iria tão longe. Diria que sou direto e que as outras pessoas se ofendem facilmente.

Ao contrário do West, não pareço um tipo simpático. Tenho consciência da perceção, mas não estou particularmente interessado em mudá-la. Quem me conhece sabe como sou. E as opiniões de quem não me conhece não me tiram o sono.

Baixo-me, pego no espanador e atravesso a sala. As minhas botas de atacadores batem contra o soalho gasto enquanto me dirijo pesadamente ao fogão antigo de ferro forjado ao canto. Teias de aranha e troncos parcialmente queimados enchem o espaço por baixo, e pergunto-me há quanto tempo estão ali, quem os pôs lá, que história poderão contar. Se não fossem tão desagradáveis à vista, deixava-os ficar. Para ser sincero, sinto-me um pouco um intruso *yuppie* no espaço para deixar tudo novo e a brilhar.

Podia pagar a uma pessoa que fizesse este trabalho braçal, mas contratar alguém em quem possa confiar parece-me uma montanha demasiado íngreme para escalar. Além de que há um certo atrativo em construir algo com as próprias mãos. Sim, tenho dinheiro, mas não *preciso* de o gastar quando sou perfeitamente capaz. Quando tenho a ambição e a dedicação.

Trabalho árduo — foi assim que acabei por ter um dos bares mais concorridos e um dos principais espaços de música ao vivo de Calgary. Foi assim que criei uma aplicação de *streaming* de música que catapultou a minha conta bancária para níveis estratosféricos. O meu pai tinha muito dinheiro e contactos, e poderia facilmente ter-me orientado — mas não o fez. Estava empenhado em que eu e a minha irmã aprendêssemos o valor do dinheiro.

Mas a que serão atribuídos todos os meus sucessos doravante?

Dinheiro. Contactos. *Sorte*. E eu não acredito na sorte.

— Afinal, que fotografia tua é esta? — Do outro lado da sala, o West ergue a revista. — Parece que te estavas a esconder atrás da gola levantada do casaco.

— E estava.

— Porquê?

Abençoado. O cenho franzido e o inclinar de cabeça indicam genuína confusão. Para alguém como ele, não faz sentido que eu não me deleite com a atenção. É exuberante, divertido, um enorme exibicionista — e adoro tudo isso nele. O West tem também um bom coração e é de confiança como ninguém. É genuíno num mundo onde muitos não o são. Encontrou-me a ler junto ao lago em miúdo e começou a falar comigo como se me conhecesse. Não parou de o fazer desde então, por mais improvável que a nossa amizade possa ser. Há algo em nós que simplesmente... colou.

Há vinte anos que estamos colados.

— Porque não queria ser fotografado. Não gosto.

— Porquê? Precisas que te diga como és bonito?

Refilo.

— Porque ia a descer a rua para tomar café com a minha irmã, não para uma sessão fotográfica.

Ele ri-se.

— Quer dizer, matava-te se sorrisses?

— Sim. — Olho para a lareira, de espanador na mão, tentando perceber como raio vou fazer tudo o que tenho na minha lista.

— Vais precisar de uma pá para esse forno. Não de um espanador.

— Obrigado, West. Estou tão feliz por te ter por perto para dares a tua opinião.

Solta um suspiro exagerado.

— Vai ser como nos velhos tempos. Só tu e eu a metermo-nos em sarilhos.

— Tu metias-te em sarilhos. Eu ficava a ver.

— Lembro-me de a Rosie se juntar a nós, o tempo todo a provocar-te. Céus, nada me deixava mais orgulhoso dela.

O meu corpo imobiliza-se à menção da irmã dele. *Rosalie*. Há uma década que não lhe ponho a vista em cima, mas os meus ombros retesam-se na mesma.

Viro-me para o West.

— Não tem um mestrado e um emprego fino em Vancouver?

Já sei que sim. Pesquisei por ela de vez em quando — só para confirmar que está feliz. O West refere-a quando conversamos, mas nunca ao pormenor. Só banalidades, atualizações superficiais. Mas, por outro lado, porque haveria ele de dizer ao melhor amigo algo de mais profundo sobre a irmã mais nova que foi viver para a cidade?

É melhor não perguntar.

Sacode uma mão, como se lançar farpas em adolescente fosse o feito mais impressionante da Rosie para ele.

— Eram os melhores verões. Ficava sempre tão triste quando voltavas para a escola na cidade.

Eu também odiava. Voltar à cidade, regressar à escola com miúdos que — ao contrário do West — me tratavam como se fosse diferente deles. Lidar com a pressão de ser o filho de um dos guitarristas mais famosos do mundo. Rose Hill era o meu refúgio favorito em criança e nada parece ter mudado para mim enquanto homem de trinta e dois anos.

É como se o tempo parasse aqui, onde ninguém nos trata como se fôssemos ricos, famosos ou sequer particularmente especiais. Todos cuidam só da sua vida. O ar fresco da montanha deve dar-lhes a perspetiva que parece faltar aos cidadãos.

Mas o meu apego a esta região é mais do que apenas isso. Sinto-me atraído para este lugar a um nível muito mais profundo. Para as memórias que contém.

— Bem, não vais ter de chorar por isso este ano, West. Estás oficialmente encalhado comigo.

Volto a atirar o espanador para a caixa, aceitando o facto de que poderei ter de contratar alguém para me ajudar a pôr este sítio a funcionar se quero gravar aqui em breve. A casa principal está agora habitável — toda remodelada por mim durante o inverno —, mas este edifício está muito pior.

— Sim, raios. Vou levar-te para a equipa de *bowling*.

— Não. Nem pensar. Disseste-me que é a saída à noite dos pais, e eu não sou pai. — Bato com o dedo do pé no que julgava ser um inseto morto, mas tenho agora a certeza de se tratar de excremento de rato. — Exceto talvez de um rebanho inteiro de ratos.

— Acho que os ratos não andam em rebanhos.

— Andem como andarem, não creio que me qualifiquem como pai.

— Não faz mal. Somos só eu e o Sebastian, na verdade, presumindo que está por cá, e depois temos-te a ti...

— Não me tens a mim...

— E ao Clyde Maluco.

— Quem é o Clyde Maluco? Já não se pode andar por aí a chamar malucas às pessoas, parece-me.

— É o tipo que vive no outro lado da montanha, basicamente como um eremita, porque acredita em todas as teorias da conspiração. As histórias dele são as minhas favoritas. E apresenta-se como Clyde Maluco, por isso deixarei que sejas tu a corrigi-lo.

Pisco os olhos ao meu amigo. Isto parece um pesadelo.

— Não vou jogar *bowling* contigo, West.

Ele suspira e descarta as minhas palavras com um gesto de mão.

— Dizes isso agora. Mas também dizias sempre que não às minhas diabruras em pequeno. E depois lá estavas tu, de cabelo à *emo* à frente dos olhos, a empurrar aqueles óculos enormes pela ponte do nariz. — Sorri-me, os dentes perfeitamente brancos a brilhar em contraste com a barba áspera. — Com uma carranca taciturna. E talvez um livro de poesia obscura debaixo do braço.

Não consigo evitar uma breve risada face à sua descrição certaíra enquanto abano a cabeça.

— Vai-te foder, Belmont.

— Olha para ti agora...

Aponto-lhe o indicador.

— Nem te atrevas a dizê-lo.

Enquanto fala, faz amplos gestos dramáticos com as mãos.

— O Multimilionário mais *Sexy* do Mundo.

— Odeio-te.

— Não. Adoras-me. Sou o sol da tua rabugice.

Franzo o sobrolho.

— O quê?!

— É uma cena dos livros românticos...

O som de alguém a bater à porta interrompe-o e viramo-nos a fim de olhar para o outro lado do estábulo, para a precária porta da frente ao fundo do estreito corredor que vira bruscamente para a cozinha.

— Quem haveria de vir cá? — sussurra o West, como se estivessemos em apuros.

Talvez estejamos. Estou aqui há pouco tempo, a trabalhar na casa principal, por isso não faço ideia de quem poderá ser. A minha irmã Willa entraria sem se fazer anunciar. Os meus pais ligariam. O meu melhor amigo está sentado à minha frente.

A verdade é que não tenho mais ninguém que se importe comigo o suficiente para fazer esta viagem.

Mantenho o meu círculo restrito e confio em poucas pessoas. O atractivo de Rose Hill é que os *paparazzi* não querem passar o dia todo a conduzir para *talvez* conseguirem uma foto.

— Não sei. — Encolho os ombros e o West arregala os olhos como uma coruja ao retribuir-me o gesto.

Voltam a bater.

— Consigo ouvir-vos a sussurrar aí dentro — grita uma voz feminina que não reconheço do outro lado da porta de madeira.

O meu primeiro pensamento vai para a Rosie, mas parece uma voz demasiado jovem para ser ela. Assim, com um forte suspiro, dirijo-me à porta e abro-a.

Diante de mim está uma rapariga. Usa calças de ganga pretas *Chuck Taylor* com rasgões e uma *T-shirt* demasiado grande dos *Death from Above 1979* — uma das minhas bandas favoritas. A roupa exhibe alguns buracos deliberadamente forçados. Tem o cabelo preto apanhado em duas tranças, uma sobre cada ombro, complementadas com uma franja direita a tapar-lhe a testa. Tudo isto coroadado por uma expressão pouco impressionada. A alça superior de uma mochila *JanSport* pende-lhe dos dedos.

Não sei que idade tem. É nova. Parece estar naquela idade desajeitada e confusa mesmo antes de nos tornarmos adolescentes — a julgar pelo seu olhar soturno e pela borbulha de grandes dimensões que tem no queixo. Cruza os braços e percorre-me com o olhar do rosto aos pés.

— Quem és tu? — Não é minha intenção soar um cretino. Afinal, é só uma miúda.

Estreita os lábios e pestaneja uma vez, lentamente.

— A tua filha, imbecil.

É agora a minha vez de pestanejar lentamente. Oiço a cadeira do West rodar pelo soalho e os seus passos pesados ao aproximar-se.

— Perdão? — pergunto. Ouvi as palavras, mas o meu cérebro não está a conseguir processar o que significam.

— És o meu pai — diz ela, e revira os olhos. — Biologicamente falando.

Mas é impossível. Absolutamente impossível. A mera afirmação põe-me à defesa. É risível.

Um estúpido artigo na *Forbes* sobre a minha conta bancária, e as baratas começam a sair. Conheço demasiado bem esta história. Quase tenho

pena da rapariga. É demasiado nova para se ter lembrado daquilo sozinha. *Deve* ter sido influenciada por alguém.

— Escuta, seja lá como for que te chamas, não sei bem o que queres de mim, mas posso adivinhar. E estás a bater à porta errada.

— Chamo-me Cora Holland. Tu chamas-te Ford Grant Júnior e és o meu pai biológico.

— Ufa, deixa o júnior de fora — murmura o West, atrás de mim.
— Ele odeia.

Não dispenso sequer um olhar ao meu amigo. Em vez disso, olho para a miudinha sarcástica a atirar-me perfeitos disparates à cara. Não lhe falta coragem. Reconheço-lhe isso.

— É impossível. Nunca me enrolei com a Morticia Addams.

Ela inclina a cabeça e volta a revirar os olhos. Mal reage.

— Que original, filhinho do papá. Nunca tinha ouvido essa piada. — Vasculha a mochila. Preta, *pois claro*. Com um floreado, tira uma folha de papel com um logótipo que reconheço.

O da empresa à qual enviei ADN para completar uma árvore genealógica que pretendia oferecer à minha mãe.

— E quanto a um copo de papel? — continua ela. — Uma caixa de Petri? Um tubo esterilizado? Enrolaste-te com algum deles por uns dólares nalgum momento da tua vida?

Sinto cada gota do meu sangue cair-me aos pés enquanto o meu estômago se revolve e a minha cabeça anda à roda.

Porque é certo que fiz isso, sim.

O West bate-me no ombro, apertando-mo com firmeza enquanto passa por mim e sai porta fora.

— Sim, bem, vemo-nos no *bowling*, suponho.

E então fico ali.

Sozinho.

A olhar para uma rapariga que pode muito bem ser minha filha biológica. E a sentir que posso realmente ser o Pai mais mal Preparado do Mundo.